

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Ensino a Distância

Gilfredo Carrasco Maulin • Soler Gonzalez

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Vitória
2016

Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministro da Educação

Renato Janine Ribeiro

**Diretoria de Educação a Distância
DED/CAPES/MEC**

Jean Marc Georges Mutzig

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO****Reitor**

Reinaldo Centoducatte

Secretária de Ensino a Distância – SEAD

Maria José Campos Rodrigues

Diretor Acadêmico – SEAD

Júlio Francelino Ferreira Filho

Coordenadora UAB da UFES

Teresa Cristina Janes Carneiro

Coordenadora Adjunta UAB da UFES

Maria José Campos Rodrigues

**Diretor do Centro de Ciências
Humanas e Naturais (CCHN)**

Renato Rodrigues Neto

**Coordenadora do Curso de Graduação
Licenciatura em Biologia – EAD/UFES**

Luciana Dias Thomaz

Revisora de Linguagem

Gabriela do Couto Baroni

Designer Educacional

Bernardo Sant'Anna Médice Firme

Design Gráfico

Laboratório de Design Instrucional – SEAD

SEAD

Av. Fernando Ferrari, nº 514

CEP 29075-910, Goiabeiras

Vitória – ES

(27) 4009-2208

Laboratório de Design Instrucional (LDI)**Gerência**

Coordenação:

Letícia Pedruzzi Fonseca

Equipe:

Giulliano Kenzo Costa Pereira

Patrícia Campos Lima

Diagramação

Coordenação:

Geyza Dalmásio Muniz

Equipe:

Andre Veronez

Ilustração

Coordenação:

Priscilla Garone

Equipe:

Rayan Casagrande

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

M449e Maulin, Gilfredo Carrasco, 1971-
Educação ambiental [recurso eletrônico] / Gilfredo Carrasco Maulin,
Soler Gonzalez. - Dados eletrônicos. - Vitória : Universidade Federal do
Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2016.
36 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-63765-51-2

1. Educação ambiental. 2. Meio ambiente. I. González, Soler, 1974-
II. Título.

CDU: 372.32



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam ao autor o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a lei nº 9.610/1998, art. 46, III (citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra). Toda reprodução foi realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.



APRESENTAÇÃO



NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, muito tem se falado sobre políticas ambientais, problemas socioambientais, educação ambiental e outras coisas do gênero. A questão é: no que isso tudo nos atinge ou fala de nós?

Esta é a intenção deste livro: compor algumas ideias básicas que alimentem não somente respostas, mas que suscitem interrogações e curiosidades. Se sairmos daqui com respostas prontas, o trabalho não terá sido bem realizado.

As questões expostas aqui, provavelmente, não tornarão o problema ambiental uma sentença com projetos governamentais e não governamentais repletos de boas intenções. O que pretendemos com essas questões é criar um campo de experiências e trocas que nos auxilie a enxergar a natureza e a cultura como espaços de invenção e de compreensão sobre nós.

Mas, afinal, quem somos nós? O que somos enquanto cultura que expressa teias de significados? Como nos apropriamos do lugar habitado? Onde está a natureza em nós?

De antemão, salientamos que este será um espaço de conversas em que nos propomos a desacelerar o tempo para compreendermos conjuntamente o papel (se é que isso existe) da educação ambiental.

Para isso, nos utilizaremos de poesia, música, cinema e de boas doses de provocação para que possamos criar deslocamentos possíveis em nossas certezas.

Ouviremos o som do mato, dos rios, das pessoas do campo, da urbe, dos quilombos, dos ribeirinhos, dos mangues, daquilo que nós somos, mas que insistimos em esquecer ou negligenciar.

Convidamos todos para uma conversa sobre a temporalidade dos movimentos das culturas e do que elas nos falam sobre a natureza da vida, do que podemos aprender e trocar, do que podemos desaprender e do que podemos nos apropriar.

Soler Gonzalez¹ e Gil Maulin²



Foto: Andréia Teixeira Ramos

.....

¹ Formado em Geografia. Doutor em Educação. Professor do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (email: solergonzalez2011@gmail.com).

² Formado em Ciências Sociais. Doutor em Educação. Professor do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (email: gmaulin71@gmail.com).

EDUCAÇÕES AMBIENTAIS: HISTÓRIA, POLÍTICAS, NOÇÕES METODOLÓGICAS E PRÁTICAS

...

Erro de português

*Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.*

(Oswald de Andrade. *Primeiro caderno do Aluno de Poesia*)

...

PARA PENSAR EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, é necessário entendê-la como uma confluência de movimentos, concepções, histórias, metodologias, noções, políticas e ideologias que hoje a fazem ser concebida não mais no singular e sim no plural, traduzindo a ideia de que existem “educações ambientais” praticadas.

A pluralidade de intenções, interesses, lugares, culturas e tempos coloca as “educações ambientais” em transformação e em movimento com as tensões socioambientais, que também criam múltiplos



tiplos e complexos contornos políticos. A Educação Ambiental que defendemos é um ato político, com singularidades éticas e estéticas (FREIRE, 2009) transgressoras, com enorme potencial emancipatório frente aos modos de vida contemporâneos.



Foto: Maria Aparecida Vianna Lodi

Aos poucos, detalharemos o que estamos querendo dizer e afirmar aqui. Desejamos enfatizar a dimensão política das educações ambientais que nos inspiram a pensar em outros modos de vivermos e de nos relacionarmos com a vida.

De um modo geral, a Educação Ambiental é associada à preservação e à conservação do planeta Terra e comumente vinculada pela mídia a clichês do tipo “Salve o planeta”. Lembramos, porém, que, se a espécie humana desaparecer, o planeta continua a existir, em seu devir evolutivo, histórico e planetário.

ATIVIDADE 1 • *Nível 1*

Para Humberto Maturana, “a conservação não é pela Terra, é por nós. A biodiversidade é importante para nosso bem-estar fisiológico, psíquico, estético, relativo; é um problema de desejo, de bem-estar”.

Comente a entrevista e aponte os aspectos que você considera como relevantes. Acesse a entrevista completa:

Continuamos a conversa questionando: como, por que e quando começamos a nominar o que é e o que pertence ou não ao “ambiental”, ao meio ambiente e aos recursos naturais? A natureza é um recurso? O ser humano e a sociedade pertencem à natureza? Pensemos sobre essas questões. Talvez elas nos deem algumas pistas para questionarmos nossos modos de ser e de “ver” a natureza deslocada de nós e como um recurso.

Podemos situar a Educação Ambiental brasileira a partir de diferentes noções, correntes teóricas, filosóficas e metodológicas, tendo em conta também as legislações federais, estaduais e municipais, as leis associadas aos temas e às problemáticas socioambientais, os órgãos governamentais e não governamentais, os cotidianos escolares, os projetos culturais e artísticos, os contextos das lutas, conquistas, conflitos, saberes, fazeres e práticas socioambientais protagonizados pelos modos de vida comunitários e tradicionais, enfim, podemos afirmar que as problemáticas socioambientais e os movimentos ambientalistas, no cenário brasileiro, se configuram como uma arena e um campo de interesses múltiplos e complexos.

Considerando a complexidade das problemáticas socioambientais e a Educação Ambiental brasileira no contexto atual, apostamos, neste fascículo, nas potencialidades políticas, éticas e estéticas da Educação Ambiental, suas disputas, combates e conquistas, que atravessam e alimentam os desejos e interesses das lutas cotidianas e de grupos minoritários e excluídos que vivem, sobrevivem e resistem às práticas antidemocráticas e de injustiças socioambientais.

Nesse sentido, acreditamos nas contribuições políticas, pedagógicas e socioambientais dos que vêm das margens (REIGOTA, 2013), e que pensam nas problemáticas socioambientais de forma comprometida com as lutas dos grupos sociais, dos subalternos e das periferias, todos historicamente pressionados por um modo de vida pautado na dominação, no controle e na exploração, e que criam modos de existência e resistência. Entre esses grupos, destacamos os povos indígenas, os quilombolas, as comunidades ribeirinhas, as comunidades tradicionais, os camponeses e outros grupos sociais minori-

tários e excluídos, grupos que devoram a vida e que inventam suas educações ambientais cotidianamente.



Foto: Soler Gonzalez

As apostas e posicionamentos apresentados aqui não são apenas uma questão de ordem teórica. Eles estão vivos e são praticados nos cotidianos de diversas escolas públicas do Brasil, habitadas por filhos e filhas de trabalhadores e trabalhadoras, detentores de saberes e fazeres socioambientais que não são “guardados” em livros, documentos curriculares e projetos pedagógicos, e que são invisibilizados.

Nos discursos hegemônicos e oficiais dos Estados-nações modernos, a Educação Ambiental se situa como um movimento social surgido na Europa e com preocupações e discursos pautados nos li-

mítes dos chamados recursos naturais, nas questões que envolvem a poluição do ar, da água e do solo, e no esgotamento do modelo civilizacional capitalista contemporâneo.

O processo de industrialização criado e fomentado na Europa Central desencadeou inúmeros avanços tecnológicos e científicos, além de modos de produção e de consumo, oportunizando o desenvolvimento econômico, político e social que se alastrou, de modo impositivo, para além do continente europeu, ampliando e globalizando esse modelo civilizacional pautado na exploração da natureza, da vida humana e na dominação de outras culturas e povos.

A industrialização, como um modelo econômico e desenvolvimentista, acirrou muitas crises socioambientais, ideológicas, políticas e econômicas, mas também mostrou à humanidade a condição real de sua extinção.

Desenvolvimento para quem? Contra quem? “(Des)envolvimento”? Esses são os pontos com os quais a Educação Ambiental pode contribuir, com suas potencialidades éticas, estéticas, políticas e de combate permanente às desigualdades, injustiças e problemáticas socioambientais. Mas o que vem a ser um problema socioambiental?

A partir das problemáticas socioambientais discutidas até o momento, para você, o que é Educação Ambiental? É possível dizer quando e onde ela surgiu? Ela é de propriedade de alguém ou de algum lugar ou tempo? Para quem ela serve e contra quem ela serve? Quais são seus objetivos? Quais são suas tendências? Quais são seus princípios e suas contribuições pedagógicas, éticas, estéticas e políticas? São algumas das questões complexas sobre as quais convidamos os leitores e as leitoras a refletir.



Foto: Rosinei Ronconi Vieiras

Segundo Enrique Leff, pesquisador mexicano, a Educação Ambiental emerge como consequência de uma crise de civilização (LEFF, 1999) em que o paradigma do desenvolvimento econômico e social se respalda e se alimenta pelas racionalidades tecnicistas, reducionistas e antropocêntricas.

Nesse caso, o ser humano se firmou como detentor de um conhecimento, legitimado pelo cartesianismo, que ignorava outros saberes em detrimento de uma natureza que precisava ser dominada. O “homem” se separa e se distingue da “natureza” pelo seu uso e por sua apropriação, transformando-a em objeto: cria-se a cisão e o dualismo moderno Homem x Natureza.

Entre os anos 60 e 70 do século XX, a Educação Ambiental se depara com o processo de institucionalização por parte dos organismos internacionais e dos Estados-nações, na medida em que as discussões sobre as problemáticas socioambientais passam a ter maior divulgação no cenário mundial.

Podemos afirmar que essa trajetória de aprisionar a força criadora e contra-hegemônica da Educação Ambiental iniciou-se em 1968, quando foi realizada, em Roma, "uma reunião de cientistas dos países desenvolvidos para se discutir o consumo e as reservas de recursos naturais não-renováveis e o crescimento da população mundial até meados do século XXI" (REIGOTA, 2009, p. 22).

O que interessa, e nos chama atenção, em toda essa trajetória, é justamente o surgimento de propostas de uma educação que se volte para a conscientização dos cidadãos sobre a necessidade de se criar soluções para os problemas ambientais (REIGOTA, 2009).

Macunaíma agradeceu e de tão satisfeito virou logo Jiguê na máquina telefone pra insultar a mãe de Venceslau Pietro Pietra. Mas a sombra telefonista avisou que não secundavam. Macunaíma achou aquilo esquisito e quis se levantar pra ir saber o que era. Porém sentia um calorão coçando no corpo todo e uma moleza de água. Murmurou:

...

- Ai... que preguiça...

(Mário de Andrade. Fragmento do livro *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*)

...

ATIVIDADE 2 • *Nível 1*

Pesquise e comente ações ou projetos governamentais em Educação Ambiental que envolvam escolas ou comunidades em seu município. Apresente algumas informações sobre esse(s) projeto(s), como nome, local, objetivos, parcerias, sujeitos envolvidos, ações realizadas, resultados etc.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL

...

Os desobjetos: (do acervo de Bernardo)

1. Prego que farfalha
2. Uma puá de mandioca
3. O fazedor de amanhecer
4. O martelo de pregar água
5. Guindaste de levantar vento
6. O ferro de engomar gelo
7. O parafuso de veludo
8. Alarme para silêncio
9. Presilha de prender silêncio
10. Formiga frondosa com olhar de árvore
11. Alicate cremoso
12. Peneira de carregar água
13. Besouro de olhar ajoelhado
14. A água viciada em mar
15. Rolete para mover o sol

(Manoel de Barros. *Escrito de verbal de árvore*)

...

NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO, encontramos diversos documentos oficiais, leis, decretos e pesquisadores indican-





Foto: Fernanda Freitas Rezende

do que a Educação Ambiental, considerada como campo político e de pesquisas e práticas pedagógicas, teve seus “primeiros passos” nos anos 60, sendo marcada, nessa fase, pela contestação ecológica e biológica, centrando suas bandeiras de luta na valorização e na preservação da natureza, sendo fundamental para o surgimento e fortalecimento dos denominados movimentos ambientalistas.

ATIVIDADE 3 • *Nível 2*

Assista ao filme “Xingu” e relate algumas contribuições dos irmãos Cláudio, Leonardo e Orlando Villas-Boas para os povos indígenas e da Amazônia.

Na esteira dessas contestações ecológicas das décadas passadas, influenciadas pelas noções e abordagens dualistas de se pensar, pes-

quisar, regular, controlar e praticar a Educação Ambiental, encontramos, no final de década de 1990, em 1999, a aprovação da Lei nº. 9.795, que regulamenta e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, cujo objetivo é fornecer mais legitimidade à prática da Educação Ambiental em âmbitos diversos, envolvendo escolas e comunidades e estabelecendo a necessidade, a responsabilidade e o desafio de outras abordagens nesse campo da educação. A Lei nº. 9.795/99 vem, então, confirmar a necessidade de ampliação da Educação Ambiental nos diferentes espaços de convivência e de aprendizagens.

A Educação Ambiental fortalece-se, então, como meta e política de Estado para a educação e deve ser discutida em âmbito nacional, uma vez que ela se faz presente em vários contextos socioambientais. No entanto, observamos que ainda existem muitas fronteiras e limites a serem superados. O primeiro deles diz respeito ao enfoque excessivamente reducionista que a mídia oferece às questões e problemáticas socioambientais. Os meios de comunicação massificam e simplificam as informações, distorcendo e tornando invisíveis as bandeiras proclamadas pelos movimentos sociais e acadêmicos em prol de justiça socioambientais. Essa massificação limita uma abordagem mais abrangente, crítica e complexa dos problemas socioambientais.

ATIVIDADE 4 • *Nível 1*

Para conhecer um pouco mais sobre a Educação Ambiental institucionalizada por leis, programas e projetos, consulte a página do Ministério do Meio Ambiente (MMA).

A partir da pesquisa na página do MMA, comente uma ação, projeto ou programa realizado no município que envolva as comunidades escolar e comunitária. Apresente o nome da ação, projeto ou programa, seus objetivos, metodologia, materiais e outras informações que julgar importantes.

2.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS

...

*Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína
Tudo é menino e menina no olho da rua
O asfalto, a ponte o viaduto ganindo pra lua
Nada continua
E o cano da pistola que as crianças mordem
Reflete todas as cores da paisagem da cidade que é muito
Mais bonita e
Muito mais intensa do que no cartão postal
Alguma coisa está fora da ordem
Fora da nova ordem mundial*

*Alguma coisa está fora da ordem
Fora da nova ordem mundial*

(Caetano Veloso, trecho da música *Fora da Ordem*).

...



Foto: Denize Mezzadri

Se a Educação Ambiental é um *instrumento* necessário para a mudança das estruturas de disseminação do conhecimento e revela as interdependências entre diferentes tipos de saberes na solução e compreensão da crise socioambiental, por outro lado, ela pode ser considerada como um *meio* fundamental para a divulgação e consolidação do desenvolvimento sustentável.

Deve-se, primeiramente, entender que tal desenvolvimento vem como possibilidade substitutiva ao atual modelo de desenvolvimento

ocidental capitalista, e também socialista. Segundo o Relatório Nosso Futuro Comum (1991, p. 09), a tarefa do desenvolvimento sustentável é "garantir que ele atenda às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem às suas".

Essa concepção, bem usual em publicações sobre o tema, traz a possibilidade de pensar em um futuro que estará limitado pelas ações do presente porque se chegará ao limite do atual padrão de vida, o que se evidencia em países industrializados, cujo padrão de consumo e produção assumiu índices alarmantes de degradação ambiental. Nesse caso, a sustentabilidade surge como proposta de enfrentamento a essas limitações e instaura uma crítica ao atual modelo de desenvolvimento.

De acordo com o mesmo Relatório,

o conceito de desenvolvimento sustentável tem, é claro, limites - não limites absolutos, mas limitações impostas pelo estágio atual da tecnologia e da organização social, no tocante aos recursos ambientais, e pela capacidade da biosfera de absorver os efeitos da atividade humana. Mas tanto a tecnologia quanto a organização social podem ser geridas e aprimoradas a fim de proporcionar uma nova era de crescimento econômico. (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991, p. 9)

Observa-se, portanto, que o desenvolvimento sustentável deve desencadear segundo uma nova lógica de produção, ou seja, outra racionalidade econômica e social.

Para Leff (1999, p. 123),

O discurso do desenvolvimento sustentável não é homogêneo. Pelo contrário, expressa estratégias conflitantes que correspondem a visões e interesses diferenciados. Suas propostas vão desde um neoliberalismo econômico, até a construção de uma nova racionalidade produtiva. A perspectiva economicista privilegia o livre mercado como mecanismo para internalizar as externalidades ambientais e para valorizar a natureza, recodificando a ordem da vida e da cultura em termos de um capital natural e humano. Pelo seu lado, as propostas tecnicistas destacam a desmaterialização da produção, a reciclagem dos dejetos e as tecnologias limpas. A partir da perspectiva ética, as mudanças nos valores e nos comportamentos dos indivíduos aparecem como princípio fundamental para alcançar a sustentabilidade. Cada uma destas perspectivas implica projetos diferenciados de educação ambiental, centrados na formação econômica, técnica e ética, respectivamente.

Outro importante documento da área Educação Ambiental refere-se ao Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, considerado um documento dinâmico e em permanente construção. Esse Tratado enfatiza que

A educação ambiental deve estimular e potencializar o poder das diversas populações, promovendo oportunidades para as mudanças democráticas de base que estimulem os setores populares da sociedade. Isto implica que as comunidades devem retomar a condução de seus próprios destinos. A educação ambiental valoriza as diferentes formas de conhecimen-

to. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado. A educação ambiental deve ser planejada para capacitar as pessoas a trabalharem conflitos de maneira justa e humana. A educação ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida, baseados em atender às necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião ou classe. A educação ambiental requer a democratização dos meios de comunicação de massa e seu comprometimento com os interesses de todos os setores da sociedade.

A comunicação é um direito inalienável e os meios de comunicação de massa devem ser transformados em um canal privilegiado de educação, não somente disseminando informações em bases igualitárias, mas também promovendo intercâmbio de experiências, métodos e valores. A educação ambiental deve integrar conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações. Deve converter cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis.

...

Agora, é a floresta que me atrai. Nela encontro os mesmos encantos da montanha, mas de forma mais serena e mais acolhedora. Ter percorrido tanto os cerrados desertos do Brasil central restituiu seu encanto a essa natureza agreste que os antigos apreciaram: o capim novo, as flores e o viço úmido dos balcedos. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 322).

...



Foto: Márcia Moreira

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO FORMAÇÃO ÉTICA E POLÍTICA

...

Invento um arquipélago - cartógrafo experimentador; o tempo desse arquipélago é o tempo da experimentação, que evidencia a menor das ecologias. Ela é acontecimento; é o expresso pela afirmação de uma multiplicidade e desorganiza um regime de signos (...). (GODOY, 2008, p. 166).

Será ainda mais fácil para ele aplicar esse princípio ao caso geral da alteridade e, conseqüentemente, evidenciar a relatividade da noção de "barbárie" (ele parece ser o primeiro a fazê-lo na época moderna): cada um é o bárbaro do outro; basta para sê-lo, falar uma língua que esse outro ignora: para ele, será apenas um burburinho. (TODOROV, 2010, p. 277).

...

PAULO FREIRE (2014), em seu livro *Pedagogia da Indignação – cartas pedagógicas e outros escritos*, retrata sua insatisfação com os aspectos éticos e políticos da educação contemporânea, assim como suas próprias preocupações éticas e políticas como educador. Destacamos, abaixo, um fragmento desse livro do autor.



Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio pataxó

“Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgentificando-se, no ambiente em que decresceram em lugar de crescer”. Cinco adolescentes mataram hoje, barbaramente, um índio pataxó, que dormia tranquilo, numa estação de ônibus, em Brasília. Disseram à polícia que estavam brincando. Que coisa estranha. Brincando de matar. Tocaram fogo no corpo do índio como quem queima uma inutilidade. Um trapo imprestável. Para sua crueldade e seu gosto da morte, o índio não era um tu ou um ele. Era aquilo, aquela coisa ali. Uma espécie de sombra inferior no mundo. Inferior e incômoda, incômoda e ofensiva. É possível que, na infância, esses malvados adolescentes tenham brincado, felizes e risonhos, de estrangular pintinhos, de atear fogo no rabo de gatos pachorrentos só para vê-los aos pulos e ouvir seus miados desesperados, e se tenham também divertido esmigalhando botões de rosa nos jardins públicos com a mesma desenvoltura com que rasgavam, com afiados canivetes, os tamos das mesas de sua escola. E isso tudo com a possível complacência quando não com o estímulo irresponsável de seus pais. Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de

uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgentificando-se, no ambiente em que decresceram em lugar de crescer. Penso em suas casas, em sua classe social, em sua vizinhança, em sua escola. Penso, entre outras coisas mais, no testemunho que lhes deram de pensar e de como pensar. A posição do pobre, do mendigo, do negro, da mulher, do camponês, do operário, do índio neste pensar. Penso na mentalidade materialista da posse das coisas, no descaso pela decência, na fixação do prazer, no desrespeito pelas coisas do espírito, consideradas de menor ou de nenhuma valia. Adivinho o reforço deste pensar em muitos momentos da experiência escolar em que o índio continua minimizado.

Registro o todopoderosismo de suas liberdades, isentas de qualquer limite, liberdades virando licenciosidade, zombando de tudo e de todos. Imagino a importância do viver fácil na escala de seus valores em que a ética maior, a que rege as relações no cotidiano das pessoas terá inexistido quase por completo. Em seu lugar, a ética do mercado, do lucro. As pessoas valendo pelo que ganham em dinheiro por mês. O acatamento ao outro, o respeito ao mais fraco, a reverência à vida não só humana mas vegetal e animal, o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valoração dos sentimentos, tudo isso reduzido a nenhuma ou quase nenhuma importância. Se nada disso, a meu juízo, diminui a responsabilidade desses agentes da crueldade, o fato em si de mais esta

trágica transgressão da ética nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador.

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-la sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.

Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos.

Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros(...)

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da Indignação* – cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 75-77.



ATIVIDADE 5 • Nível 2

Assista ao curta-metragem *MAN*, de Steve Cutts. Após, pesquise, reflita e comente algumas problemáticas socioambientais demonstradas no curta-metragem. Considere, em suas análises e reflexões, as problemáticas socioambientais atuais do lugar onde você mora e as pessoas e grupos sociais atingidos por essas problemáticas. Aponte, também, ações possíveis de serem adotadas, envolvendo as escolas locais e a comunidade.

Ao propormos um modelo de educação que leve em consideração o meio ambiente, devemos observar a necessidade de reflexão sobre as relações produzidas no modo de vida contemporâneo. Antes, porém, de apresentarmos uma proposta, é necessário esclarecermos a definição de meio ambiente que estamos adotando. Entendemos meio ambiente como o

Lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído (REIGOTA, 2009, p. 14).

Nesse contexto, acreditamos que a Educação Ambiental é um processo educativo e ético: em que medida nós somos natureza? O que é ser natureza? Segundo Grün (1996, p. 112), "A dimensão ética da educação ambiental deveria ser buscada na história recalcada de nosso relacionamento com o ambiente".



Foto: Maria Aparecida Vianna Lodi

Freire (2005) argumenta que a conscientização política é o exercício de o sujeito se compreender em suas contradições sociais, na dimensão de sua história de vida dentro de uma história maior. Ou seja, a consciência se constrói no movimento de o indivíduo olhar para si dentro de uma dimensão histórica, observando-se como parte dela.

O antropocentrismo, como corrente teórica, filosófica e política, está presente e encarnado em nossas relações cotidianas atuais e

pode contribuir para que o potencial do meio ambiente seja deixado de lado na vida social e na cultura.

Pergunta-provocação: *É possível pensar na separação “sociedade e natureza”, criada pelo modo de vida da modernidade?*

Como aponta Grün (1996, p. 76), "A apologia das culturas primitivas e a idealização do passado são elementos que andam lado a lado no discurso arcaico-naturalista da educação ambiental. O passado é tomado quase como um 'lugar' em 'condições de Éden'". Portanto, a idealização da natureza está ligada a uma interpretação ingênua e simplista de um possível retorno à condição natural do ser humano.

Pergunta-provocação: *Como compreender o ser humano conectado à natureza, se, por muitas vezes, ele mesmo escraviza e nega os que fazem parte de sua própria espécie?*

...

Não sei se os jovens de hoje, adeptos da natureza, conseguirão restaurar dentro deles essa inocência. Não sei se conseguirão matar dentro deles a centopeia do consumismo.

(Manoel de Barros. Fragmento do poema *No tempo de andarilho*).

...

A dimensão ética na educação ambiental está na disposição do exercício de compreender a complexidade das relações humanas

em simbiose com a natureza. Compreendermos primeiramente a nós mesmos é o ponto de partida para nos fazermos e nos produzirmos no cotidiano.

Em uma das muitas conversas de Edgar Morin com o público brasileiro, ele desafiou-nos:

O milênio que chega está totalmente embarcado na incerteza sobre o porvir. Vemos, então, que havia uma mitologia, a mitologia do progresso, e tudo está muito complexo neste sentido. Porém, penso que a crise da civilização ocidental vai ajudar a entender melhor que cada civilização possui seus valores e é muito importante que se faça o intercâmbio dos valores, o que o poeta negro das Antilhas francófona, Aimé Césaire, chamava de *le rendez-vous* (o encontro, o compromisso) do dar e do receber, ao mesmo tempo (MORIN, 2001, p. 28).

Esse é um movimento que nos exige a capacidade de alteridade na soma das várias compreensões éticas sobre o meio ambiente. Um movimento que parte da compreensão também de outras culturas e que potencializa a diversidade entre elas, em vez de provocar o silenciamento etnocêntrico que só apenas subtrai a capacidade humana de se inventar diante da natureza.

Crônica

Era uma vez

O mundo

(Oswald de Andrade. *Primeiro caderno do aluno de poesia*)

ATIVIDADE 6 • *Nível 1*

Pesquise e comente iniciativas locais, ações e projetos em Educação Ambiental que envolvam escolas ou comunidades em seu município. Apresente algumas informações sobre esses projetos, como: nome, local, objetivos, parcerias, sujeitos envolvidos, ações realizadas, resultados etc.

SOCIEDADES E SABERES TRADICIONAIS

...

Pediram que eu falasse um pouco sobre a palavra dos índios, a mensagem, a filosofia, em relação ao que o mundo moderno está buscando com tanta ansiedade neste final de século. A busca de um novo caminho de relacionamento humano e, ao mesmo tempo, de desenvolvimento. (...) Quando queremos discutir a questão das terras indígenas no território brasileiro, queremos compartilhar isso com o povo brasileiro. Queremos lembrar que, quando Cabral aqui chegou, nós éramos quase mil povos. Hoje somos apenas 200 povos. O mais interessante é saber que muitos brasileiros, incluindo estudantes e professores, não sabem que existem 200 povos indígenas no Brasil e 180 línguas faladas.

(Depoimento de Marcos Terena em palestra de Edgar Morin³).

...

A FALA DE TERENA, citada acima, condiz com o processo colonizador de silenciamento das diferentes produções de sentidos culturais, que implicou o aniquilamento de inúmeras civilizações e o empobrecimento das experiências e das perspectivas do pensamento ameríndio.

.....

³ MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais**: o olhar transdisciplinar; participação de Marcos Terena Rio de Janeiro: Garamond, 2001.





Foto: Gil Maulin

A colonização, como projeto econômico, cultural e político, consolidou o modelo civilizacional do ocidente no que ele tem de mais nocivo às outras formas culturais. A sobreposição de culturas materializa a ideia de uma história de vencedores e vencidos em que as perdas são maiores do que os ganhos de uma suposta globalização. Globaliza-se o mundo em detrimento de milhões de silenciamentos.

Nesse aspecto, a educação ambiental, ou as educações ambientais, que paira no exercício de interesses e ideologias, converge com as práticas educativas e culturais que nascem da relação com o outro, potencializando a troca de perspectivas, em um exercício mútuo de alteridades.

...

A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz do torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista.
(RIBEIRO, 1995, p. 120).

...

Pergunta-provocação: Com quantas culturas é possível fazer uma educação ambiental?

Ao considerarmos os saberes tradicionais como educação ambiental – menor, fluida, inventiva, de resistência, tecida nas micro-políticas da vida cotidiana –, problematizamos o enraizamento de uma educação ambiental adestradora (BRUGÜER, 2004), que limita e desconsidera a cultura local, e potencializamos práticas e saberes ambientais endógenos.

É comum nos referirmos à educação ambiental como um conjunto de metodologias prontas que emanam situações e conceitos que devemos compreender para salvarmos o planeta Terra. Essa ideia está atrelada à noção de "conscientização do outro". Mas quem é o outro a ser conscientizado? Conscientizar para quê?

Essa é uma discussão que precisa ser mais publicizada, pois o que ainda temos como experiência em educação ambiental nos múltiplos espaços/tempos de convivência, de aprendizagem e de formação condiz com práticas que não levam em consideração os contextos culturais e socioambientais. Essas práticas educativas tornam-se um modelo a ser seguido ou uma conscientização a ser construída.

Essa não seria uma nova forma de colonização do pensamento? (SANTOS, 2008).

Quando observamos o discurso de que a educação ambiental nasce e se institucionaliza na Europa, somos cooptados à ideia de que não haviam culturas e saberes socioambientais nas sociedades pré-colombianas e indígenas do “novo mundo”.

Deixamos de ter uma dimensão local para assumirmos uma condição salvacionista e preservacionista do planeta sem que seja dada a devida atenção aos saberes da terra e daqueles que a experienciam diretamente, seja no plano simbólico e cultural, seja como sobrevivência, por meio do trabalho (BRANDÃO, 1999).



Foto: Andréia Teixeira Ramos

...

No começo, era literatura. Um irmão do romancista Afrânio Peixoto, o Sr. Filogônio, veio da Bahia em 1916 com alguns trabalhadores baianos e sergipanos e fundou a "Maria Bonita", a primeira grande fazenda de cacau do Espírito Santo. Mais tarde o próprio Afrânio teria aqui uma fazenda, a "Bugrinha"; e me dizem que ele gostava de vir ao Rio Doce especialmente nestes tempos de outubro, quando as grandes sapucaias iluminam o verde escuro da mata com suas folhas novas. (Carybé manda um recado para Burle Marx: é urgente plantar muitas sapucaias no Rio, inclusive nas matas e nos morros).

(Rubem Braga. Fragmento da crônica Cacau).

...

As ideias que transgridem e criticam as abordagens salvacionistas e preservacionistas do meio ambiente vêm, nos últimos anos, se tornando presentes na produção acadêmica das universidades brasileiras e latino-americanas. São ações educacionais que levam em consideração a cultura local e suas potencialidades frente às problemáticas socioambientais, construindo novas pontes para o intercruzamento de diferentes saberes, enxergando a educação ambiental como o empoderamento dos sujeitos e suas práticas.

O que o congo de Roda d'Água e da Barra do Jucu, no Espírito Santo, têm a ver com o meio ambiente? Em que sentido as populações de pescadores contribuem para se pensar em educação am-

biental? O que pode um quilombola nos dizer sobre as práticas e temporalidades do uso da terra? O que as paneleiras de Goiabeiras, no Espírito Santo, podem nos dizer sobre isso? Como a umbanda se aproxima da educação ambiental? O que as crianças e professores das escolas públicas produzem de experiência com o meio ambiente? Como o jornalismo reproduz o ideário do economicismo a qualquer preço?

Essas são perguntas com muitas respostas. Elas revelam a inquietação de se propor novos argumentos à educação ambiental para que esta não fique resumida a uma única visão de mundo⁴. Como as comunidades tradicionais trazem outra perspectiva para pensarmos em outras educações?

ATIVIDADE 7 • Nível 1

O que é meio ambiente? Assista ao curta-metragem “Meioambientemente” e, após, entreviste/converse sobre o que é “meio ambiente” com pessoas de diferentes segmentos da sociedade e da comunidade escolar que onde você atua, ou seja, estudantes, professores, moradores, líderes comunitários, comerciantes e trabalhadores de um modo geral. Socialize algumas dessas narrativas e relatos encontrados e registrados por você.

.....

⁴ Sugestão de Grupos de Pesquisa que trabalham com outras perspectivas em educação ambiental: www.nipeea.blogspot.com; www.remtea.blogspot.com



Foto: Katia Castor

...

Esse homem deve ser de minha idade – mas sabe muito mais coisas. Era colono em terras altas, se aborreceu com o fazendeiro, chegou aqui ao Rio Doce quando ainda se podiam requerer duas colônias de cinco alqueires “na beira da água grande” quase de graça. Brocou a mata com a foice, depois derrubou, queimou, plantou seu café.

(Rubem Braga. Fragmento da crônica *O lavrador*)

...

ATIVIDADE 8 • *Nível 2*

Assista ao trecho do filme "Derzu Uzala", do cineasta japonês Akira Kurosawa. O filme conta a história de um explorador do exército russo que é resgatado na Sibéria por um caçador asiático, dando início a uma forte amizade e ao encontro entre diferentes éticas, saberes e culturas. Comente suas impressões em relação às diferentes éticas e culturas ambientais apresentadas no vídeo.

EPISTEMOLOGIAS DO SUL: NOVAS FRONTEIRAS PARA A DESCOLONIZAÇÃO DOS SABERES

...

O pai estava lá, capinando, um sol batia na enxada, relumiava. Pai estava suado, gostava de ver Miguilim chegando com a comida do almoço. Tudo estava direitinho direito, Pai não ralhava. Se sentava no toco, para principiar a comer. Miguilim sentava perto, no capim. Gostava do Pai, gostava até pelo barulhinho d'ele comendo o decomer. Pai comia e não conversava, Miguilim olhava. A roça era um lugarzinho descansado bonito, cercado com uma cerquinha de varas, mó de os bichos que estragam. Mas muitas borboletas voavam. Afincada na cerca tinha uma caveira inteira de boi, os chifres grandes, branque-la, por toda bôa-sorte. E espetados em outros paus de cerca, tinha outros chifres de bois, desparelhados, soltos: – que ali ninguém botava mau-olhado!

(João Guimarães Rosa. Fragmento do conto *Campo Geral*)

...

CABE, AGORA, argumentarmos sobre o que estamos chamando de descolonização dos saberes e do pensamento. Traremos, aqui, ou-



tras possibilidades de questionamentos sobre as dinâmicas culturais em relação às práticas da educação ambiental.

Isso nos demandará uma condição crítica e autocrítica sobre como nós nos situamos como sujeitos da história. Por isso, nos exigirá uma postura que vislumbre a perspectiva de uma educação ambiental endógena que nasça das práticas culturais dos povos ribeirinhos, quilombolas, campesinos, enfim, dos sujeitos que sempre ficaram à margem das ações das políticas institucionais.

Se em um primeiro momento situamos a institucionalização dos problemas ambientais e seus aspectos globais e governamentais dentro de uma dinâmica de proposições com bases legais e de formalização da educação ambiental, agora partimos com algumas contraposições a esse ideário supra-institucional de demarcações políticas e jurídicas.

Não negamos a importância desses marcos, mas apontamos outros desdobramentos que suscitam exercícios de observação cotidiana sobre as produções sociais e culturais das comunidades tradicionais.

Chegamos ao foco de proposição crítica ao viés europeizador do pensamento e das políticas socioambientais.

O termo "Epistemologias do Sul" foi pontuado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos para afirmar sobre a necessidade de visibilidade das versões política, econômica, social e cultural que os povos silenciados pelo processo civilizatório ocidental têm sobre o mundo e a vida. É necessário, portanto, ouvir o que essas populações têm a nos dizer sobre outras formas de dizer.

Pergunta-provocação: Já pensaram se índio faz educação ambiental? Qual a educação ambiental dos povos ribeirinhos, dos

pescadores, dos quilombolas, enfim, das comunidades que estão à margem da sociedade?

...

Este universo que estava escondido em nome do desenvolvimento, este universo que foi matado para dar lugar ao desenvolvimento, agora, olhando para trás e vemos que quatro milhões de índios morreram e mais de 700 povos desapareceram. Quando morre um povo indígena, ele nunca mais volta. Desaparece uma civilização, sua língua que nunca mais é redescoberta. Porque a nossa comunicação era falar com as pessoas. Contar para as pessoas, como eu quero contar agora, a beleza da filosofia indígena, do conhecimento e da ciência indígena. As pessoas sempre consideram este grande manancial de sabedoria como fonte, como um banco de dados, uma biblioteca para sugar o conhecimento dos povos indígenas e depois fazerem as suas teses, as suas recomendações. Nunca ouvimos uma referência dizer que aquele conhecimento, aquela sabedoria foi trazida, foi usurpada dos povos indígenas.

(depoimento de Marcos Terena⁵).

...

.....

⁵ MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**; participação de Marcos Terena Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

Novamente, a fala de Marcos Terena trata sobre alternativas que podem ser incorporadas e potencializadas pelo pensamento ambientalista; alternativas que corroboram com a resistência dos povos tradicionais em subsistirem frente a uma dominância da perspectiva ocidentalizante do mundo.

Pensar uma educação ambiental nascida dos povos tradicionais condiz com o fortalecimento dos saberes, identidades e simbolismos que essas populações trazem para a nossa capacidade altruísta de ver o mundo por diferentes pontos de vista, pois a matriz emergente da educação ambiental ocidentalizante tende a se mostrar como modelos de comportamento ou mesmo de adestramento. Parte-se, portanto, para uma perspectiva de uma educação ambiental *com* e não *para* a sociedade.



Foto: Fernanda Freitas Rezende

Ao propormos uma educação ambiental que nasça dos saberes tradicionais, estamos abrindo um conjunto de espaços e temporalidades que irão compor um diálogo de experiências culturais dentro de dinâmicas simbólicas sobre natureza e meio ambiente, percebendo como os diferentes grupos socioculturais constroem o seu universo cotidiano nas relações de saberes e fazeres.

O aprendizado trazido por essas relações condiz com uma educação ambiental da alteridade, em que as diferentes visões de mundo permitem uma abertura de transformações capazes de multiplicar diferentes formas de educações ambientais.

...

A lição de conviver,
senão de sobreviver
no mundo feroz dos homens,
me ensina que não convém
permitir que o tempo injusto
e a vida iníqua me impeçam
de dormir tranquilamente.
Pois sucede que não durmo.

(Thiago de Mello. Fragmento do poema *Não aprendo a lição*).

...

Barcelos (2013) apresenta a concepção de uma educação ambiental dos trópicos. Segundo o autor, essa perspectiva

não é a defesa de mais um resgate, de uma retomada, de uma releitura, de uma proposta de adaptação, nem mesmo de uma recriação de algo do passado. Basta de retornos, de retomadas, de releituras e de resgates que, ao fim e ao cabo, têm se mostrado como variações sobre o mesmo tema, sem modificações alguma. (...) Esta educação dos trópicos, que ora apresenta, propõe alternativas a partir da relação de interação devorativa daquilo que nos chega por meio das demais culturas com as quais nos encontramos (BARCELOS, 2013, p. 32-33).

A crítica a ser feita, neste caso, é sobre a racionalidade colonizadora imposta pelo mundo ocidental sob a pretensão de homogeneizar as experiências culturais e sintetizá-las dentro de uma ordem globalizadora que instrumentaliza o conhecimento por meio da disciplinarização das vontades, dos desejos e dos fazeres. A educação ambiental dos trópicos vai de encontro a essa corrente europeizante/ocidental.

Pergunta-provocação: A partir do seu bairro, como pensar uma educação ambiental dos trópicos?

Desse modo, a respeito das educações ambientais que nasçam da experiência com os saberes das comunidades tradicionais, contemplamos aqui a ideia de um conhecimento intercultural que soma possibilidades às demandas da construção das diferenças socioculturais, pois conceber qualquer forma de relação pressupõe o inter cruzamento entre diferentes sujeitos e seus modos de ver o mundo.

O que o conhecimento intercultural tem a acrescentar à prática da educação ambiental? Quais os limites que a educação ambiental enfrenta quando toma contato com outras realidades sociais e culturais? Existe, na interculturalidade, diálogos com as educações ambientais? Quais as contribuições éticas, políticas e socioambientais da interculturalidade? Mas, afinal, o que é interculturalidade e como esse conceito nos ajuda a pensar a educação ambiental dos trópicos a partir de uma visão sobre as "epistemologias do sul"?



Foto: Soler Gonzalez

Para Reigota (2009), a educação ambiental é uma educação política, pois ela agrega uma tendência de questionamento crítico dos valores sociais há muito impregnados na estrutura da sociedade moderna, exigindo uma participação política mais efetiva dos cidadãos na transformação social dos paradigmas do atual modelo de desenvolvimento.

...

Abacateiro acataremos teu ato
Nós também somos do mato como o pato e o leão
Aguardaremos brincaremos no regato
Até que nos tragam frutos teu amor, teu coração
Abacateiro teu recolhimento é justamente
O significado da palavra temporão
Enquanto o tempo não trouxer teu abacate
Amanhecerá tomate e anoitecerá mamão
Abacateiro sabes ao que estou me referindo
Porque todo tamarindo tem o seu agosto azedo
Cedo, antes que o janeiro doce manga venha ser também
Abacateiro serás meu parceiro solitário
Nesse itinerário da leveza pelo ar
Abacateiro saiba que na refazenda
Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar
Refazendo tudo
Refazenda
Refazenda toda
Guariroba

(Gilberto Gil. *Música Refazenda*)

...

Pergunta-provocação: *O que a letra da música Refazenda traz sobre a temporalidade dos saberes?*

A interculturalidade restitui à educação a condição de reconhecer a diversidade cultural que une e separa os sujeitos, ao mesmo tempo que os diferencia e os qualifica como iguais, pois é a essa contradição de pertencimento e não-pertencimento que está vinculada a necessidade de um diálogo que sirva como ponte, ligando as nossas diferenças e semelhanças.

Segundo Freire (2009, p. 76),

toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não ser neutra.

A partir dessa afirmação, pode-se também considerar que a educação intercultural e a educação ambiental contribuem para que os sujeitos e as coletividades se percebam como múltiplos.

A interculturalidade restitui aos povos oprimidos a condição para expor suas histórias, conflitos, identidades, saberes e práticas. Essas culturas estão presentes nas dinâmicas das sociedades modernas, mas, muitas vezes, são silenciadas pela chamada cultura ocidental. A interculturalidade, como movimento conceitual, nos faz descobrir o quanto são complexas as relações humanas, formando uma trama de significados.



Foto: Gil Maulin

As culturas se comunicam, não estão fechadas em si mesmas. Elas são plurais na condição de que não existe um centro para a sua disseminação, mas existem inúmeras relações e tensões que precisam ser enxergadas.

Ao propormos uma educação ambiental em conversa com a interculturalidade, fornecemos a abertura de muitas possibilidades de encontro com as diferenças, para um mergulho na alteridade e para a construção de práticas educacionais que nasçam da experiência comunal, fortalecendo os vínculos solidários entre as culturas.

...

Batuque

A negrada dança,
e nunca descansa,
no chão do terreiro,

de pés no chão...
- "A premera imbigada
é papudo qui dá.
Eu também sou papudo,
eu também quero dá..."

E o batuque ferve,
e a sanfona geme,
e a violada chora,
arrastando a função...
Comidas finas, querendo comer,
bebidas finas, querendo beber:
pau-a-pique, cobu, bolo de fubá,
cachaça queimada, garapa e aluá...

(Guimarães Rosa. Do livro *Magma*)

...

O fragmento da poesia Batuque, de Guimarães Rosa, apresentado acima, nos revela a importância de mergulharmos na cultura tradicional para compreendermos nossas aproximações e distanciamentos em relação ao outro. A experiência com a cultura tradicional se faz importante pela densidade de movimentos, de significados e simbolismos que traduzem outras formas de interpretação do mundo.

Ao realizarmos tal mergulho, nos imbuímos de outras práticas que vitalizam à educação ambiental um viés capaz de integrar outras visões de mundo, compreendendo a cultura como possibilidade de invenção e criação.

Pensar a cultura como exercício de uma descolonização do pensamento é trazer para a educação ambiental condições de crítica à ação educacional de educadores e ambientalistas que primam por projetos fechados às comunidades, reproduzindo o silenciamento dessas culturas, negando os saberes e as práticas existentes.

A descolonização do pensamento pressupõe um avivamento da capacidade crítica e autocrítica das práticas educativas, em consonância com novos argumentos que absorvam o outro na condição de experiência. Ou seja, está nessa relação o caráter vital para a construção de uma educação ambiental dos trópicos, capaz de compreender as diferenças culturais sem anulá-las ou homogeneizá-las (SANTOS, 2008).

ATIVIDADE 9 • *Nível 1*

Das diferentes fotos trazidas ao longo deste livro, escolha uma e faça uma redação dizendo o que ela significa para você e relacionando-a com o que foi discutido até agora.

Vimos aqui alguns desdobramentos possíveis da educação ambiental que cabem como ponto de resistência dos saberes e fazeres das comunidades tradicionais.

Esta é a grande provocação das leituras feitas até aqui: um mergulho e aprofundamento nas raízes das nossas tensões, conflitos e silêncios, pois estão nelas as dimensões socioambientais que nos aproximam enquanto sujeitos que produzem culturas. Essa é uma leitura de aproximação, uma leitura solidária na condição de que o processo civilizacio-



Foto: Ana Paula Pazzagliani

nal estará sempre inacabado. Por isso, consideramos também que essas experiências formam educações ambientais em processo ininterrupto de construção.

Neste caso, a educação ambiental se insere como escuta possível das experiências, na condição para produzir e provocar outras.

Pergunta-provocação: Ao sinalizarmos alguns apontamentos possíveis sobre a educação ambiental, que experiência que fica, para você, dessas inúmeras leituras?

...

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

(Oswald de Andrade. Do livro *A alegria é a prova dos nove.*)

...

ATIVIDADE 10 • *Nível 1*

Elabore um texto argumentativo para avaliar a disciplina de Educação Ambiental, relacionando algumas noções que foram trabalhadas, entre elas, as noções de meio ambiente, cultura, sustentabilidade e formação de professores.

REFERÊNCIAS

...

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

ANDRADE, Oswald de. **Primeiro caderno do aluno de poesia**. São Paulo: Globo, 2006.

ANDRADE, Oswald de. **A alegria é a prova dos nove**. Ruffato, Luiz (org.). São Paulo: Globo, 2011.

BARCELOS, Valdo. **Uma educação nos trópicos**: contribuições da Antropofagia Cultural Brasileira. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARROS, Manoel de. **Escrito em verbal de árvore**. São Paulo: Leya, 2011.

BARROS, Manoel de. **Livro das pré-coisas**: roteiro para uma excursão poética no Pantanal. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BRAGA, Rubem. **Crônicas do Espírito Santo**. Vitória: Fundação Jônice Tristão; Fundação Ceciliano Abel de Almeida/UFES; Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1984.

BRAGA, Rubem. **O lavrador de Ipanema**. ALVES, Januária Cristina; ARAUJO, Leusa (orgs.). Rio de Janeiro: Record, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra**: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BRÜGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental?** 3. ed. rev. e ampliada. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

- FREIRE, PAULO. **Pedagogia da Indignação** – cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da USP, 2008.
- GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: A conexão necessária**. Campinas: Papyrus, 1996.
- GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental: no consenso um embaite?** Campinas: Papyrus, 2000.
- LEFF, Enrique. Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável. Tradução Nilda Alves. In.: REIGOTA, Marcos. (org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. pp. 111-129.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Tradução Rosa Freire d'Águilar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MELLO, Thiago de. **Mormaço na floresta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Participação de Marcos Terena. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 1999.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. Teias. Rio de Janeiro: ano 11, nº 21, jan/abr 2010. Disponível em: <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revista-teias/article/viewFile/533/44>>, acesso em: 31 jul. 2013.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROSA, João Guimarães. **Magma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim: corpo de baile**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2008.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução Beatriz Perrone Moisés. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SOBRE OS AUTORES

...

GILFREDO CARRASCO MAULIN

Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais (UFPR). Mestre em Sociologia Política (UFSC). Doutor em Educação (UFES). Professor do Departamento de Educação, Política e Sociedade (DEPS/CE/UFES). Professor da Licenciatura em Educação do Campo (LEC/CE/UFES). Membro do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental (NIPEEA/UFES). Coordenador da Pesquisa Brinquedos e Brincadeiras com o Sítio dos Crioulos (FAP/UFES).

SOLER GONZALEZ

Graduação em Geografia - Licenciatura Plena e Bacharelado(Ufes). Mestre e Doutor em Educação (CE/PPGE/Ufes). Professor Adjunto efetivo do Centro de Educação da Ufes no Departamento de Educação, Política e Sociedade na Graduação em licenciatura de Geografia e Pedagogia. Membro do Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Geografia (Leageo/Ufes) e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental (Nipeea/Ufes/Cnpq).Vice líder e pesquisador do Grupo de Pesquisa (CNPq) POESI - Política Espacial das Imagens Cartográficas, da Ufes. Líder do Grupo de Pesquisa "Território de aprendizagens autopoieticas" na linha de pesquisa (CNPq) "Ensino de Geografia e Educação Ambiental".